



History of Education in Latin America

Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License

Educação Eugênica: as recomendações de Renato Kehl a educadores, pais e escolares

Eugenics Education: Renato Kehl's recommendations to educators, parents and schoolchildren

Paulo Ricardo Bonfim

Mestre em Educação pela Universidade São Francisco, Itatiba, Brasil,
pauloricardo.bonfim@hotmail.com

Resumo

No estudo da relação entre Eugenia e Educação, na história da educação brasileira, a referência ao médico Renato Kehl logo se impõe pelos esforços empenhados em difundir a ciência eugênica, inclusive, entre educadores e escolares. No Brasil, a eugenia comportou variações significativas em relação às formulações em avanço em outras latitudes, amalgamando-se, por aqui, às discussões sobre educação, higiene e saneamento. O estudo avaliou propostas e iniciativas de Kehl para a educação, principalmente com base em suas publicações, com destaque para os manuais escolares, entre as décadas de 1910 e 1930. A análise de sua trajetória, realizações e recomendações contribuem para uma compreensão mais acurada das influências e articulações na conformação de propostas para a educação no período.

Palavras-chave: Eugenia e Educação. Educação Eugênica. Eugenismo. Renato Kehl. História da Educação.

Abstract

In the study of the relationship between Eugenics and Education in the history of Brazilian education, the reference to the doctor, Renato Kehl, is quickly used in an effort to spread eugenic science, from educators to schoolchildren. In Brazil, eugenics had significant differences in relation to the ways used in other regions, by combining discussions on education, hygiene and sanitation. The study evaluated Kehl's proposals and initiatives for education, mainly based on his publications, with emphasis on school textbooks, between the 1910s and 1930s. The analysis of his trajectory, achievements and recommendations contribute to a more accurate understanding of the influences and speech in the forming of proposals for education in the period.

Keywords: Eugenics and Education. Eugenics Education. Eugenics. Renato Kehl. History of Education.

Introdução¹

Eugenia, ciência controversa e polêmica formulada inicialmente pelo cientista britânico Francis Galton (1822-1911), no final do século dezenove, e posteriormente abraçada, internacionalmente, por inúmeros intelectuais, de áreas diversas, prontos a debate-la e fazê-la avançar, seja assegurando-lhe um *corpus* teórico alinhado à ciência biológica e às descobertas no estudo da hereditariedade, seja pelo empenho de esforços na sua institucionalização, como se observa na organização de numerosas entidades dedicadas ao seu estudo, pesquisa e divulgação, realizando congressos nacionais e internacionais, cursos e conferências. Tais iniciativas alicerçavam, de certo, as expectativas de reconhecimento social de uma certa autoridade científica que a habilitaria a subsidiar, com “segurança” e “legitimidade”, a definição de políticas públicas voltadas ao controle social em áreas como a saúde pública, a educação e a imigração.

Impactado pela teoria evolutiva do naturalista Charles Darwin (1809-1882), seu meio-primo, Galton dedicou-se a estudos acerca da hereditariedade humana e métodos de verificação da transmissão de características à descendência, defendendo a possibilidade de aplicação social desses conhecimentos científicos por meio da reprodução seletiva. Em 1883, na obra *Inquiries into human faculty and its development*, cunhou a palavra “eugenia”, referindo-se ao “cultivo da raça”, designando *grosso modo* os usos sociais dos novos conhecimentos da ciência sobre evolução e hereditariedade a fim de se obter o aperfeiçoamento racial na população humana (Bonfim, 2017, p. 77).

No Brasil, com o advento da República intensificam-se as expectativas de progresso nacional, mobilizando, cada vez mais, as elites urbanas a buscarem no terreno da ciência os recursos para a identificação das causas dos problemas nacionais e os meios de enfrentá-los. Os cuidados com a família e a infância convertiam-se em categorias privilegiadas de análise no quadro das preocupações com a nacionalidade, congregando profissionais de áreas diversas. Ao mesmo tempo, os avanços no campo da microbiologia e o êxito alcançado no combate a algumas epidemias abriam caminho à incorporação de “modernas teorias científicas” que prometiam o melhoramento humano, visando, da ótica burguesa, proteger a “boa” estirpe da elite patronal e regenerar as classes populares por meio da higiene e da educação elementar (Bonfim, 2013, p. 28-29). É nesse contexto, matizado pelas expectativas de progresso nacional, que a eugenia atraiu a atenção de intelectuais de áreas diversas, prontos a debate-la e relacioná-la às questões que reconheciam como candentes em sua época, como a determinação das causas do “atraso nacional” e as formas “cientificamente seguras” de saná-las, soluções que variavam, obviamente, em função de perspectivas teóricas e ideológicas.

Certo é que nesse cenário os intelectuais a acolheram a partir das demandas internas, incluindo-a como um recurso a mais no desafio de modernizar a sociedade brasileira, num processo dinâmico de ressignificação que a brasilianista Nancy L. Stepan (2005, p. 40) descreveu em termos de uma “apropriação seletiva”, mediatizada pelas questões nacionais e pelas concepções daqueles que a

empreenderam por aqui, produzindo, assim, uma eugenia bastante singular em relação àqueles que grassavam em outras latitudes.

No Brasil, o movimento eugênico comportou fundamentações, conceituações, objetivos e propostas de intervenção marcadas pela heterogeneidade de perspectivas em debate. A adesão à eugenia por parte da intelectualidade brasileira, no período em questão, não se traduziu em termos de uma assimilação irrefletida, passiva, mas como uma apropriação mediatizada pelas teorias e ideologias presentes em nossa *intelligentsia*, sensível, ainda, às demandas internas, às questões que mobilizavam amplamente nossa também heterogênea classe intelectual. Como consequência, o Brasil produziu um movimento eugênico polissêmico, abrigando concepções e projetos diversos, alguns mais inclinados à “eugenia negativa” – associada às expectativas de controle do matrimônio e da reprodução humana, à segregação racial e à esterilização eugênica –, outros às perspectivas “positiva” e “preventiva” – em relação direta com a educação, a higiene e o saneamento –, não obstante, vale ressaltar, o contexto interno tenha favorecido, em linhas gerais, o desenvolvimento de uma eugenia mais “branda”, mais alinhada às campanhas sanitárias e educacionais em evidência à época.

Embora sejam vários os interlocutores no campo do pensamento eugênico brasileiro, nas primeiras décadas do século vinte, a referência ao médico Renato Ferraz Kehl (1889-1974) logo se impõe em decorrência de seus esforços pessoais em áreas diversas para difundir a ciência eugênica entre médicos, cientistas, jornalistas, advogados, autoridades políticas, educadores, escolares e o público em geral. Kehl, em sua “cruzada eugênica”, empreendeu iniciativas que o tornaram relevante para a compreensão da história da apropriação e difusão da eugenia no país, posicionando-se vigorosamente no debate desta “novidade científica”.

Sumariamente, podemos afirmar que a eugenia no Brasil comportou projetos distintos, gerando polêmicas e debates, confrontando perspectivas mais “brandas”, contempladas em propostas de reforma sanitária e educacional, com concepções mais “severas”, de “eugenia negativa”. O próprio Renato Kehl, em sua trajetória como eugenista, transitou entre uma perspectiva mais inclinada ao binômio educação-higiene e outra mais explicitamente vinculada a propostas “restritivas”, momento em que procurou demarcar, mais rigidamente, os domínios da eugenia no campo da hereditariedade, secundarizando as iniciativas em higiene e instrução, na consecução dos fins eugênicos, por considerá-las paliativas, sem alcance sobre a raça.

O presente estudo analisou a trajetória deste eugenista em suas iniciativas e propostas voltadas à educação, dirigindo-se, sobretudo pelas inúmeras publicações, a pais, educadores, escolares e autoridades públicas, principalmente entre as décadas de 1910 e 1930.

O lastro documental explorou publicações de Kehl no período indicado, com destaque para os livros e manuais – não apenas os de higiene – dirigidos à escola e à família, como *A Fada Hygia* ([1923] 1925), *Bíblia da Saúde* (1926), *Pais, Médicos e Mestres* (1939) e *Educação Moral* (1937). O *Boletim de Eugenia*, periódico criado e editado por Kehl, entre 1929 e 1933, a edição dos *Annaes de Eugenia* (1919),

reunindo os trabalhos da Sociedade Eugênica de São Paulo, as *Actas e Trabalhos* (1929) do Congresso Brasileiro de Eugenia e artigos publicados na imprensa diária possibilitaram uma visão mais ampla da atuação de Kehl no debate da eugenia e na prescrição de modelos de educação eugênica a difundir-se nas escolas e famílias. Este estudo articulou pesquisas nas áreas da história da educação e história das ciências, visando contribuir para a compreensão mais acurada dos processos, influências e articulações na conformação de propostas para a educação no período, focalizando, para tal, a trajetória, as iniciativas e as recomendações de Renato Kehl para a educação nacional.

Uma trajetória intelectual em perspectiva

Filho de Joaquim Maynert Kehl e Rita de Cássica Ferraz Kehl, Renato Kehl nasceu na cidade de Limeira, interior paulista, em 22 de agosto de 1889, em um período fortemente marcado pela recente abolição da escravatura, bem como pela crise política que resultaria, poucos meses mais tarde, na transição para o regime republicano. Seu pai era filho de imigrantes alemães, chegados na primeira metade do século dezenove, e alcançou êxito na próspera carreira de farmacêutico, chegando a presidir, em 1920, a Sociedade União Farmacêutica de São Paulo. A carreira bem-sucedida do pai parece ter influenciado as escolhas do filho que ingressou, em 1905, na Escola de Farmácia de São Paulo, formando-se em 1909. No ano seguinte, após assumir por um breve período a farmácia da família, em sua cidade natal, Renato e seu irmão mais novo, Vladimir, ingressaram na prestigiada Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ambos concluindo o curso em 1915 (Diwan, 2011; Souza, 2006).

Os anos de estudo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FM-RJ), na capital federal, o colocou em contato com as modernas ideias em repercussão no meio científico do período, como as teorias de Lamarck, Darwin, Weismann, Spencer, Agassiz e Galton. Particularmente, as ideias deste último e sua discussão sobre transmissão de caracteres à descendência, melhoramento do perfil racial, bem como os temas relativos a evolução, raça e degeneração, tiveram grande influência sobre o jovem acadêmico, marcando sua trajetória futura como médico e eugenista. Os anos passados na FM-RJ também o aproximou de figuras de grande prestígio no meio intelectual e político do período, intelectuais como Miguel Couto, Júlio Afrânio Peixoto e Belisário Penna, nomes que também se destacaram como importantes interlocutores no debate da ciência eugênica no país.

Logo após a conclusão do curso de medicina, Kehl regressou à capital paulista onde não demorou a se aproximar da intelectualidade local, incluindo aqueles envolvidos nas campanhas sanitárias que denunciavam o descaso dos governos oligárquicos com a saúde pública. Vale destacar, as primeiras décadas do século comportaram grande instabilidade política, momento de organização de protestos e movimentos, como os que se formaram em torno das cobranças por reformas nas áreas da saúde e da instrução pública. Não por acaso, o clamor do sanitarista

Miguel Pereira, ao afirmar, em 1916, que o Brasil era um “vasto hospital”, seja uma das lembranças mais indeléveis do período em questão (Meira e Sá, 1924, p. 439); no mesmo ano, Belisário Penna e Arthur Neiva publicavam o relatório da expedição realizada em 1912, pelo Instituto Oswaldo Cruz, às regiões norte e nordeste do Brasil, fornecendo um retrato nacional alarmante ao descrever uma população fustigada pela pobreza, analfabetismo, moléstias e falta de higiene e saneamento, relato que transmitia, nas palavras de Penna e Neiva (1916, p. 165) “as impressões bem tristes, da profunda miséria e do abandono em que jazem milhares de seres humanos”, palavras que repercutiram amplamente no meio intelectual e político.

Em um período que mobilizou grande parte da intelectualidade na discussão sobre o caráter da identidade nacional – entre argumentos raciais, mesológicos e sociais –, buscando os meios eficazes para colocar o país na marcha do progresso, setores diversos da sociedade brasileira, de matizes políticos e ideológicos igualmente variados, organizavam-se em associações, ligas, movimentos e manifestos cobrando das autoridades o enfrentamento das mazelas nacionais, expondo, assim, uma crescente frustração com a condução do regime republicano.

Generalizava-se a ideia de que a população brasileira, sobretudo a imensa parcela que habitava a vastidão do país, estava entregue à degeneração, como sugestivamente ilustrava a figura estigmatizada do mestiço *Jeca Tatu*, de Monteiro Lobato. As causas desta degeneração variavam entre os interlocutores em função dos preconceitos, principalmente o racial, e da adesão a ideias e teorias que circulavam à época, algumas acusando a composição racial do brasileiro, miscigenada, outras apontando as imposições do meio – quando não uma combinação de ambas –, com espaço, ainda, para as denúncias acerca da negligência do Estado em promover políticas públicas de saneamento, higiene e instrução.

Neste contexto, Kehl encontrou na eugenia uma alternativa para enfrentar o problema da “degeneração nacional”, recurso moderno, pois científico, em franca ascensão na Europa e Estados Unidos. A grande mobilização em torno das questões sanitárias – bem como o combate ao alcoolismo e à sífilis – certamente favoreceu a adesão de muitos intelectuais à ciência que Kehl defendia com tanto empenho e que, num entendimento bastante singular, coadunava-se com os esforços no campo da higiene e da educação.

Em 1917, a convite dos diretores da Associação Christã dos Moços de São Paulo, Kehl realizou uma conferência sobre eugenia, episódio que teve caráter inaugural em sua militância em prol da difusão da eugenia no país; a partir de então, o jovem médico empenharia vigorosos esforços em favor daquela “novidade científica”, mantendo-se em evidência no âmbito do estudo e debate das ideias eugênicas no Brasil.

No final da década seguinte, na conferência que proferiu no Congresso Brasileiro de Eugenia (CBE), em 1929, ao traçar uma retrospectiva da eugenia no país, Kehl apresentou um relato que em muitos pontos assume um caráter biográfico em que se entrelaçam a história da introdução e difusão da ciência eugênica no

Brasil e o seu próprio percurso como eugenista, reservando-lhe, nessa narrativa, um lugar privilegiado no desenrolar do movimento eugênico brasileiro (Kehl, 1929).

A conferência tratou de apresentar a eugenia como uma ciência fundamentada nas modernas leis da hereditariedade, como “higiene raça”, voltada à aplicação social desses conhecimentos científicos em benefício do aperfeiçoamento racial do homem. Nessa tarefa, a educação e a legislação cumpriram papel de destaque, por exemplo, ao impedir os casamentos entre tipos “inaptos”, garantindo-se, dessa forma, as condições para o desenvolvimento eugênico da nação. Em sua exposição, destacou nomes de grande prestígio no campo científico, como Lamarck, Darwin e Mendel – além de Galton, evidentemente – e procurou evidenciar a importância daquela nova ciência no combate a problemas antigos de saúde pública como o alcoolismo, a tuberculose e a sífilis. Na esteira do clamor de Miguel Pereira, chamou atenção para as circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento da campanha eugênica no Brasil, momento oportuno em que se “despertam as forças regeneradoras” e se desenvolvem as ideias nacionalistas (Kehl, 1919, p. 67).

A relação com o Direito também foi abordada, enfatizando-se a urgência de uma legislação eugênica para a proteção da família, da raça e da nacionalidade: reclamava a aprovação de leis que estabelecessem a exigência do exame pré-nupcial, de maneira a se proibir o casamento a “indivíduos avariados”, destacando importantes médicos empenhados na questão, como Souza Lima, Amâncio de Carvalho e Olegário de Moura.

Depois de destacar o avanço da eugenia em países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Suécia, Kehl defendeu a relevância da imprensa na tarefa de pôr em circulação as ideias eugênicas. De fato, essa divulgação científica parece ter sido uma das principais frentes de atuação deste eugenista; ao longo dos anos, envidou esforços importantes para divulgar a eugenia entre intelectuais e populares, promovendo conferências, fundando associações, editando periódicos e escrevendo para públicos diversificados, entre eles, pais, professores e estudantes.

Ainda em 1917, Kehl liderou as iniciativas para a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo (SESP), na capital paulista, inaugurada em 14 de janeiro de 1918, a primeira da América Latina, decorridos apenas alguns anos da fundação das sociedades congêneres na França e Inglaterra. Com o apoio de Arnaldo Vieira de Carvalho, influente diretor-fundador da recém-criada Faculdade de Medicina de São Paulo (FM-SP), Kehl viu concretizada sua tão almejada Sociedade Eugênica, congregando intelectuais de destaque, principalmente médicos, dedicados a fazer avançar os estudos sobre eugenia, bem como sua difusão, principalmente por meio de conferências públicas, inclusive em escolas. Para a diretoria da entidade foram eleitos nomes de destaque: Arnaldo Vieira de Carvalho, como presidente executivo; Bernardo Magalhães, Luiz Pereira Barreto e Olegário de Moura, como vice-presidentes; Renato Kehl, como secretário geral; Fernando de Azevedo, como primeiro secretário. Na comissão consultiva, constavam, ainda, Arthur Neiva e Rubião Meira. Em sinal de deferência e com a expectativa de relacionar a entidade a nomes de destaque em âmbito nacional, a Sociedade Eugênica elegeu como “presidentes honorários” os influentes médicos Augustinho José de Souza Lima,

Amancio de Carvalho e, mais tarde, Belisário Penna.

A notícia da fundação da SESP repercutiu na imprensa diária, artigos que aplaudiam a iniciativa em favor da eugenia. Sob o título “Fundou-se hontem a Sociedade Eugénica de São Paulo”, o *Correio Paulistano*, na edição de 15 de janeiro de 1918, saudava a “bella iniciativa da classe medica paulista” que dava prova da sua orientação progressista (Fundou-se..., 1918, p. 3).

Paralelamente, como forma de evidenciar a centralidade que as questões de saneamento e higiene adquiriam à época, convém destacar a fundação, também em 1918, do Instituto de Hygiene, resultado de um acordo entre o Governo de São Paulo e a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, órgão que desempenhará papel fundamental na formulação da política sanitária, elegendo a “educação sanitária” uma das prioridades na sua pauta de ações (Rocha, 2003, p. 14).

Nos anos seguintes, Kehl alcançou significativo reconhecimento pelas iniciativas em favor da eugenia. Sua militância o tornou uma personalidade pública; requisitado pela imprensa diária, bem articulado no meio intelectual, o eugenista passou a figurar entre personalidades de grande influência em duas importantes frentes de mobilização social à época, organizadas em torno das cobranças por reformas sanitárias e educacionais, áreas que atraíam crescente interesse de intelectuais preocupados com a modernização da sociedade brasileira.

Vale destacar que muitos dos militantes da Liga Pró-Saneamento (LPS), por exemplo, também transitavam na Associação Brasileira de Educação (ABE), tal como na SESP, criando um ambiente favorável de intercâmbio de ideias, aproximando as discussões sobre educação, higiene e saneamento em propostas e ações modernizadoras, sob a perspectiva das elites urbanas representadas nessas entidades; nessa direção, cabe ressaltar que muitos dentre os participantes do Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929, também integraram as duas primeiras conferências nacionais de educação da ABE, realizadas, respectivamente, em Curitiba, 1927, e Belo Horizonte, 1928.

Nancy Stepan (1985; 2005) alerta, ainda, para a forte tradição neolamarckista entre médicos e demais intelectuais no Brasil, durante as primeiras décadas do século vinte, fator determinante para que o aprimoramento eugênico da nação fosse encarado no quadro dos investimentos em saneamento e higiene. Como sugere, o sanitarismo – e, diríamos, também a mobilização em prol da educação – garantiu espaço para a entrada dos ideais eugênicos em meio às expectativas de regeneração da população nacional, produzindo uma experiência histórica singular, sensivelmente diversa daquela em difusão na Europa e Estados Unidos.

Segundo Vanderlei S. de Souza (2006, pp. 42-43), a eugenia encontrou condições favoráveis para se difundir no âmbito das campanhas sanitárias que adquiriam grande expressão no período, aproximação verificada em livros e discursos que, a partir de uma linguagem comum, associavam as ideias de higiene, saneamento e eugenia. Nesse sentido, destaca a publicação, em 1918, do livro *O problema vital*, de Monteiro Lobato, uma reconciliação do autor com a personagem estigmatizada do *Jeca Tatu*, agora recuperado pelos modernos recursos. O livro,

prefaciado por Renato Kehl, contou com o apoio da Liga Pró-Saneamento, fundada por Penna aproximadamente um mês após a criação da SESP.

Neste contexto fortemente atravessado pelas expectativas de revigoreamento da nacionalidade, Kehl encontrou espaço para se firmar como interlocutor respeitado no âmbito das discussões sobre eugenia, higiene e saúde. Em 1919, transferiu-se para o Rio de Janeiro, casando-se com Eunice Penna, filha do médico e higienista Belisário Penna. No Distrito Federal, daria novo impulso à carreira e à propaganda eugênica, assumindo importantes cargos no serviço público e na iniciativa privada, dedicando-se, ainda, ao mercado editorial. Em 1920, Kehl foi nomeado pelo diretor geral do Departamento de Saúde Pública, dr. Carlos Chagas, para a Inspetoria dos Serviços Contra a Lepre e Doenças Venéreas, empreendendo iniciativas na área da higiene; no mesmo ano, foi nomeado membro titular da *Société Française d'Eugénique* pelo mérito de seus esforços em favor da eugenia. No final da década, em 1927, deixou o serviço público para assumir a direção da Química Bayer no Brasil por intermédio da qual realizou uma longa viagem ao continente europeu a fim de visitar a sede, na Alemanha. Em 1932, Kehl foi eleito para uma cadeira na Academia Nacional de Medicina (ANM), presidida pelo influente dr. Miguel Couto, tomando posse, no ano seguinte; mais tarde, em 1968, tornou-se membro emérito como louvor pela atividade médica e científica em prol da pátria (Bonfim, 2017, pp. 113-140).

Na Europa, Kehl aproveitou para conhecer importantes universidades e institutos de antropologia e eugenia, na Alemanha e em outros países, aproximando-se daquilo que se convencionou chamar, nos estudos especializados, de “eugenia negativa”. Ao retornar ao país, parece decidido a imprimir um novo ritmo à campanha eugênica, agora sob uma nova perspectiva, distinta daquela que vinha orientando sua atuação no debate e propaganda da “ciência de Galton”. Nesse contexto, criou, em janeiro de 1929, o primeiro periódico especializado em eugenia no país, o *Boletim de Eugénia*, mantido em circulação até 1933, publicação que expressava sua nova perspectiva eugênica, mais inclinada às eugenias em avanço na Europa e Estados Unidos. Seis meses depois, teve participação destacada no CBE, organizado pela ANM, desempenhando, por designação de Miguel Couto, a destacada função de secretário geral.

O Congresso oportunizou o debate de perspectivas distintas quanto à fundamentação teórica e a aplicação social da eugenia, expondo a heterogeneidade de concepções entre os intelectuais da época, alguns prontos a reconhecê-la nas iniciativas nas áreas de educação e saúde pública, outros decididos a restringi-la aos domínios estritos da hereditariedade mendeliana, discussões fortemente atravessadas pelos preconceitos raciais que embasavam muitas das teses em discussões. Como que representando a diversidade perspectivas em jogo, o Congresso reuniu, na presidência e secretaria geral, dois dos principais expoentes no debate das ideias eugênicas à época, respectivamente, Edgar Roquette-Pinto e Renato Kehl.

Num esforço de síntese, podemos dizer que o movimento eugênico brasileiro, de forma geral, manteve forte relação com as campanhas sanitárias e educacionais

– valorizando as iniciativas nessas áreas como medidas eugênicas – e difundiu-se principalmente em perspectivas de caráter “preventivo” e “positivo”, não obstante comportasse propostas que se encaminhavam por uma eugenia “negativa” – concepção que secundarizava os investimentos em educação e higiene por julgá-los insuficientes, já que apenas tangenciavam o problema do revigoramento humano – para muitos uma questão racial – sem ataca-lo diretamente.

Escrevendo a pais, professores e escolares

Certamente, as campanhas por reformas sanitárias e educacionais contribuíram para dar ampla repercussão à histórica escassez de investimentos nessas duas importantes áreas para a modernização da sociedade, colocando em evidência, também, seus principais representantes. Nesse contexto, Renato Kehl destacou-se na publicação de numerosos livros voltados à divulgação da eugenia e da higiene, obras escritas em estilos variados, contemplando um público amplo: intelectuais diversos, pais, educadores e estudantes. Dentre as dezenas de livros que publicou, analisou-se, aqui, *A Fada Hygia, Bíblia da Saúde, Pais, Médicos e Mestres e Educação Moral*, todos publicados pela Editora Francisco Alves e dedicados a um público específico: educadores, escolares e pais.

Nesse contexto, os cuidados com a família e a infância assumiam centralidade na perspectiva de um saneamento moral para o qual convergiam proposta diversas que viam na escola um espaço privilegiado para inculcar hábitos de higiene e valores morais relacionados à família e à nação. A organização do currículo atraía a atenção de eugenista e higienistas prontos a reorientarem práticas sociais a partir dos preceitos de suas áreas. Analisando a educação sanitária promovida pelo Instituto de Hygiene, Heloísa Helena Rocha Pimenta (2003, pp. 194-198), destaca que os objetivos dessas iniciativas buscavam alcançar não apenas as crianças, mas também as famílias; pela escola, visava-se sanear o espaço doméstico, estendendo a influência higienizadora dos professores que, partindo das experiências domésticas de seus alunos, indicariam boas condutas, “as *formas corretas* de viver a vida cotidiana.

O cenário era propício à publicação de livros voltados à divulgação da higiene e da eugenia, como aqueles dirigidos às crianças em idade escolar. Como observa Rocha Pimenta (2003, p. 198; 2011, pp. 162-163), o “projeto de formação de homens fortes, saudáveis e vigorosos encontrou na publicação de pequenos livros e cartilhas de higiene um importante recurso pedagógico, cuja elaboração envolveu médicos, professores, editores e ilustradores”.

Os manuais escolares combinavam textos instrutivos, alguns na forma de diálogos com jovens personagens, e ilustrações que facilitassem a assimilação dos conselhos relacionados às mais diversas situações cotidianas, não se limitando àquelas relativas à higiene propriamente dita; visava-se, dessa forma, socializar os meios para uma vida “saudável e civilizada”.

Avaliando o cenário para produção desses manuais, Carolina Kinoshita (2013)

destaca que num período marcado por iniciativas voltadas à expansão do ensino primário, as escolas constituíam um mercado considerável no comércio de livros didáticos, estimulando a elaboração de manuais escolares. Como observa, Kehl encontrou circunstâncias propícias para a produção e comercialização de seus manuais.

No início da década de vinte, Kehl empreendeu vários projetos nas áreas da higiene e da educação, como a organização do Museu da Higiene (1922) – em ocasião da Exposição Universal comemorativa do centenário da independência – e suas atividades no serviço de propaganda e educação sanitária, no Departamento de Saúde Pública (Oliveira, 1933). Em 1923, publicou *A Fada Hygia*, livro dedicado ao público infantil, iniciativa saudada pela imprensa que reproduziu notas de congratulações de várias personalidades de destaque no campo educacional e sanitário, figuras como Carneiro Leão (Diretor Geral da Instrução Pública) e Sebastião Barroso (Departamento de Saúde Pública) que aplaudiram a iniciativa de formação, desde a infância, de uma indispensável consciência sanitária (Livraria..., 1926). Em abril de 1925, a imprensa fluminense noticiou adoção do livro de Kehl pelas diretorias de instrução dos estados de São Paulo, Pará e Pernambuco (O Ensino..., 1925).

A Fada Hygia, com 173 páginas, divide-se em duas partes. A primeira, com cinco capítulos, apresenta a higiene como uma fada, a *Fada Hygia*, “uma amiga e protetora das crianças” que vive em um palácio todo de ouro cercado de belos jardins onde encontra as crianças para dar-lhes conselhos, ensinando aos “sãos a conservar a vida” e aos “doentes” os meios para “adquirirem de novo a força e a robustez e para não propagarem aos outros os seus males”. A segunda parte é a mais extensa, com aproximadamente dois terços das páginas, e está organizada em vinte e três “temas”, alguns listados a seguir: água, habitação, mãe, asseio do corpo, exercícios físicos, maus hábitos, retrato de um menino teimoso, o sono, as vestes, atitude, os micróbios, as doenças, vícios, vermes intestinais, mosquitos e bons hábitos, entre outros.

Seus conselhos aparecem combinados com gravuras, tornando a leitura atrativa ao público infantil, uma narrativa que procura prescrever condutas, bastante minuciosas, de como se deve viver segundo os preceitos da higiene, incluindo desde cuidados com o asseio do corpo e do espaço doméstico até instruções acerca da importância de se cumprir os horários das refeições, ou mesmo sobre o ritmo adequado ao se mastigar os alimentos. Entre ensinamentos sobre o uso de água potável e profilaxia contra doenças contagiosas, pode-se ler advertências, por exemplo, sobre como é “feito e inconveniente o habito de encostar-se às paredes e aos moveis”, pois “denuncia indolencia e má educação”, ou sobre o perigo da preguiça que é “prejudicial a si mesmo, e inutil e pernicioso à sociedade” (Kehl, 1925, pp. 102-154). No empenho em ditar rotinas adequadas, “higiênicas”, para se viver, Kehl expressa valores morais e representações hegemônicas na sociedade de sua época, inclusive com relação aos papéis sociais do homem e da mulher: “quando homens, cidadãos fortes, bellos e patriotas e as meninas quando moças, bôas mães de familia, providas de conhecimentos bastantes para manter a paz, a saúde e a felicidade no lar (Kehl, 1925, pp. 52-53).

Em 1926, Kehl publicou *Bíblia da Saúde (Hygiene)*, livro extenso, com 482 páginas, voltado a professores e alunos do ginásio e do curso normal. Este livro, ora referido como um “tratado”, ora como um “manual”, visava difundir “os conhecimentos higienicos” capazes de prolongar a vida com saúde e “promover o bem-estar physico e moral, a evolução melhorista da actividade somatica e intellectual da humanidade”. Logo no início, situa-se a eugenia entre os saberes da higiene e da medicina social, destacando que, embora compreendam programas definidos, compartilham um “escopo único – o Bem da Humanidade” (Kehl, 1926, pp. 10-11). Belisário Penna parabenizava Kehl pelas iniciativas na educação higiênica, saudando as publicações d’*A Fada Hygia* e da *Bíblia da Saúde*, para ele, medidas eugênicas de revigoração humano (Penna, 1929).

O livro divide-se em vinte e três partes, organizadas em temas muito diversos, tratando desde questões de higiene pessoal e doméstica até os vários problemas que afetam a saúde humana, passando, ainda, pelos progressos da ciência, etapas e fases da vida, conceitos de hereditariedade, casamentos condenáveis, drogas, hábitos modernos, educação das mães, vícios e hábitos sociais, entre outros assuntos. Bastante abrangente nos temas que abarca, Kehl o escreveu na forma de pequenos verbetes, como um manual mesmo, uma leitura que poderia ser feita por etapas, num programa de estudo, ou como rápida consulta, procurando-se no sumário o assunto desejado.

Em 1936, Renato Kehl lançou, também pela Francisco Alves, a *Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde*, ricamente ilustrada por Francisco Acquarone, artista formado pela Escola de Belas Artes e destacado ilustrador de diversos jornais e revistas da época. Desta vez, apostou num formato mais acessível às crianças, produzindo um livro menor, com 48 páginas, mais ilustrado, favorecendo seu uso pelos professores no ensino primário. Cada lição é aberta com uma letra do alfabeto, com conselhos expressos em textos curtos e de fácil compreensão, aliados, ainda, à gravura que os representa.

Em 1937, Kehl publicou *Educação Moral*, com o subtítulo *Falando aos Jovens da Minha Terra*, livro com 123 páginas, uma cartilha para crianças a partir de dez anos, também com ilustrações de Acquarone. Nesta cartilha, Kehl expressou mais explicitamente valores morais em lições que abordam a atitude esperada da criança em situações diversas, visando inculcar “as condutas corretas” a serem seguidas na vida cotidiana. O livro divide-se em “palestras”, nas duas primeiras partes, e em “comentários”, na terceira parte intitulada “civildade”.

Nas “palestras”, os textos dialogam com os alunos abordando comportamentos e atitudes, distinguindo as condutas “virtuosas” das moralmente “reprováveis”. Na primeira parte, o livro aborda as virtudes listadas a seguir: delicadeza, respeito, bons modos, disciplina, obediência, aplicação, ordem, bondade, honestidade e vontade. Na segunda parte, as “palestras” se voltam às condutas censuráveis, identificadas da seguinte forma: o imprudente, o mentiroso, o brigão, o irresoluto, o moleirão, o preguiçoso, o desordenado, o estragador, o protelador, o gastador e os que vencem – nesta última, um alerta: “alcançam a vitória os esforçados, os compenetrados, os que levam suas obrigações a sério” (Kehl, 1937, p. 100). A terceira parte, *Civildade*,

trata das “boas maneiras”, dos “bons costumes”, distinguindo dois caminhos a se seguir na vida: a “civilidade” ou a “incivilidade”; nesta seção, o texto apresenta-se dividido em vinte e quatro sentenças morais acompanhadas de seus respectivos “comentários”, como um livrinho de regras, uma espécie de guia de conduta. Ao final, apresenta-se uma sugestiva ilustração de uma “Árvore das ‘Boas Ações’” cercada de jovens a admirar seus frutos, identificados com as virtudes abordadas na primeira parte da cartilha; na sequência, uma folha para identificação do aluno, sua classe e escola, com espaço para a assinatura do professor, cujo objetivo visava “acostumar as crianças a um “exame de consciência” (Kehl, 1937, documento não paginado).

Dentre os livros de Kehl analisados neste trabalho, esta cartilha é a que mais explicitamente se relaciona às ideias de profilaxia moral e mental que se difundem no âmbito do movimento eugênico, ideias que tiveram forte penetração no campo educacional no período em tela. Vale lembrar, nosso eugenista era membro da Liga Brasileira de Higiene Mental, espaço de forte ressonância do debate eugênico no país. No início da cartilha, nas palavras que dirigia aos “mestres”, Kehl colocava o problema da “seleção dos alunos” como assunto premente na “pedagogia moderna” e assinalava a tarefa que cabia ao educador o papel de “sentinelas da higiene mental”, “denunciadores das sequelas que, tratadas em tempo, concorrerão para a salvação de inúmeros indivíduos que atualmente fracassam para a família e a sociedade” (Kehl, 1937, p. 5).

Além do ensino dos temas morais, para Kehl as lições da cartilha ao abordarem atitudes e condutas moralmente esperadas, em situações sociais diversas, serviriam ao professor como parâmetros na identificação dos tipos “normais”, “subnormais” e “anormais”. A observação do professor às reações psicológicas demonstradas pelas crianças ao expressarem aceitação, indiferença ou rejeição às lições ensinadas subsidiariam o diagnóstico do professor acerca da normalidade ou não de cada aluno (Kehl, 1937, p. 4-5).

Em 1939, *Pais, Médicos e Mestres* enfeixa algumas palestras e trabalhos de Kehl num volume 200 páginas, livro cujo prólogo indica a intenção a alinhar, de forma geral, os textos que compõe a obra: “colaborar na orientação bio-social de Pais e Mestres” visando ao “melhoramento cultural e eugênico das gerações presentes e futuras” (Kehl, 1939, p. 5).

De início, Kehl destacou não se tratar de ingerência em “seara pedagógica”, pois no seu entendimento não há problema condizente ao homem que seja estranho ao eugenista ou que se possa resolver fora dos princípios estabelecidos pela biologia. Dessa forma, alertava que o momento era de transformação dos métodos pedagógicos e que os médicos desempenhariam papel fundamental nessa nova fase; nesse sentido, asseverava que os estudos sobre a constituição dos temperamentos e a biotipologia abriram novos rumos à psicologia infantil, portanto, “a educação da infância e da juventude será cuidada daqui por diante com a devida individualização dos pacientes” (Kehl, 1939, p. 9).

Retomando os propósitos anunciados para o livro – colaborar na orientação de pais e mestres – advertia que a “educação das crianças começa com a educação

dos pais” e, neste particular, a função do médico seria indispensável, pois ao problema pedagógico o médico atenderá à dupla função de “higienista mental” e “psicoterapeuta” (Kehl, 1939, p. 13). Nessa direção, apresentava uma série de conselhos dedicados aos pais, ao estilo dos verbetes experimentados em obras anteriores, textos concisos e diretos sobre temas diversos, como autoridade, ameaça, brinquedos e livros, contágio mental, preguiça, falta de apetite e magreza, inconstância, entre outros; segundo o eugenista, esses conselhos seriam, talvez, o anteprojeto de um código de educação dos pais para a educação dos filhos.

Mais adiante, destacava o avanço da eugenia na Alemanha – atribuindo-lhe papel fundamental na “política regeneradora” daquele país –, bem como na Inglaterra, Holanda e Estados Unidos, lamentando a resistência do governo brasileiro nesse sentido. Citando a Comissão Central Brasileira de Eugenia, entidade da qual foi um dos idealizadores, listou as medidas eugênicas que seriam necessárias à “regeneração sômato-psíquica” do povo brasileiro, englobando a conservação e multiplicação das famílias bem constituídas e de prole sadia, assegurando-lhes inclusive medidas de proteção econômica, a seleção rigorosa de candidatos a cursos acadêmicos e cargos públicos, considerando-se os indivíduos “superiores sômato-psíquicamente, de moral reconhecida e de boa linhagem no sentido eugênico”, e impedimentos legais ao casamento de indivíduos considerados degenerados, entre outras propostas (Kehl, 1939, pp. 93-100).

Delimitando os limites da educação e da higiene nos propósitos de regeneração da população, pois aonde a eugenia vai a educação e a higiene não alcançam, insistia na importância de uma ampla política eugênica no interior da qual a educação, diferentemente do sentido corrente que lhe é atribuído, teria a função específica de esclarecer e persuadir os indivíduos a exercerem uma certa responsabilidade em relação à família, à sociedade e à espécie. Portanto, tratava-se de apostar em uma “educação galtoniana” como forma de inculcar, desde o primário, valores eugênicos atrelados a uma moral cívica.

Como forma de sinalizar a penetração das ideias eugênicas no âmbito escolar, mais precisamente na elaboração de livros dedicados a escolares, destacamos, ainda que ligeiramente, o livro *Brasil Eugênico*, de Ulisses Freire, publicado, em 1932, pela Casa Siqueira, integrando a “Coleção Caetano de Campos”, obra aprovada pela Diretoria Geral de Ensino de São Paulo, parte de uma “Série Eugênica” (Freire, 1933, p. 8). Feito para alunos do terceiro ano primário, com algumas ilustrações, o livro de Ulisses Freire socializava valores morais, civismo, disciplina e hábitos de higiene integrados numa perspectiva eugênica abrangente em que as práticas higienistas associavam-se às preocupações com o revigoramento do brasileiro como raça e nação.

Considerações finais

Ao analisar comparativamente os livros *Pais, Médicos e Mestres e Educação Moral*, ambos escritos no final da década de trinta, com *A Fada Hygia e Bíblia da*

Saúde, estes escritos até meados da década anterior, evidenciam-se as diferenças de perspectiva apresentadas por Renato Kehl no tocante à concepção da eugenia, seus meios e fins, ao longo dos anos. As obras, analisadas em relação à trajetória intelectual de seu autor, corroboram a mencionada inflexão de Kehl, a partir do final da década de vinte, em direção a uma eugenia mais estrita, alinhada às propostas em avanço em parte da Europa – principalmente na Alemanha – e nos Estados Unidos.

De forma geral, o *Boletim de Eugenia*, criado por Kehl em 1929, também evidencia essa mudança de orientação, perspectivando a educação como recurso auxiliar e paliativo em relação às propostas eugênicas de caráter mais estrito. Nesse sentido, muitos artigos abordaram a educação no quadro das preocupações com uma adequada formação moral e eugenicamente orientada dos indivíduos, como “educação eugênica”, na preparação do caminho para as políticas eugênicas mais “estritas”, pela adesão ou, antes, pela própria reivindicação dessas medidas por parte da sociedade (Bonfim & Kuhlmann Jr., 2014).

A educação não sai de cena no pensamento de Renato Kehl, mas é reavaliada em função das novas concepções eugênicas adotadas. Se de um lado, os esforços em instrução lhe parecem apenas paliativos, sem alcance sobre a raça, de outro, a educação, eugenicamente orientada, desempenharia um papel importante ao inculcar, desde a infância, os valores e responsabilidades eugênicas dos indivíduos em relação à família, à pátria e à raça – numa perspectiva conservadora e profundamente atravessada por preconceitos diversos, principalmente o racial –, garantindo, ao longo das gerações, a perpetuação cultural desses valores e princípios que se traduziriam em uma certa visão de mundo hegemônica.

Referências

Bonfim, P. R. (2017). *Educar, higienizar e regenerar*. uma história da eugenia no Brasil. Jundiaí: Paco Editorial.

Bonfim, P. R., & Kuhlmann Jr. (2014). M. Eugenia e Educação: uma leitura crítica do Boletim de Eugenia (1929-1933). *Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste (ANPED SE)*, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil, 11. Recuperado de em: www.anpedsudeste2014.com.br/sistema/download.php?id_arquivo=1914.

Diwan, P. (2011). *Raça Pura*: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto.

Freire, U. (1933). *Brasil eugênico* (2ª ed.). São Paulo: Casa Siqueira.

Fundou-se hontem a Sociedade Eugênica de São Paulo: bella iniciativa da classe medica paulista (15 jan. 1918). *Correio Paulistano*, p. 3. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&PagFis=45204

Kehl, R. F. (1919). Conferencia de propaganda eugenica. *Revista do Brasil/Sociedade Eugênica de São Paulo*, pp. 67-79.

_____. (1925) *A fada hygia* (2ª ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

_____. (1926). *Bíblia da saúde (Hygiene)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

_____. (1929). *A eugenia no Brasil: esboço historico e bibliographico. Actas e Trabalhos do Congresso Brasileiro de Eugenia*, Rio de Janeiro.

_____. (1937). *Educação moral: falando aos jovens da minha terra*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

_____. (1939). *Pais, médicos e mestres*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Kinoshita, C. T. (2013). *Um D. Quixote científico a pregar para uma legião de panças: Manuais escolares de higiene à sombra da Eugenia (1923-1936)* (Dissertação de mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Livraria Francisco Alves (1926). *Catálogo*. Rio de Janeiro.

Meira e Sá, F. S. (1924). Do problema capital, urgente inadiavel do Brasil nas suas duas faces. *Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância*, Rio de Janeiro, Ri de Janeiro, Brasil, 7º boletim, pp. 434-435.

Neiva, A. & Penna, B. (1916). Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 8(30), 74-224. Recuperado de: [http://www.scielo.br/pdf/mioc/v8n3/tomo08\(f3\)_74-224.pdf](http://www.scielo.br/pdf/mioc/v8n3/tomo08(f3)_74-224.pdf).

O ensino da hygiene. (3 abr. 1925). *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, p. 13.

Recuperado em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_04&PagFis=36756

Oliveira, A. E. (1933). *Posse do novo acadêmico Renato Kehl: discursos do paraninfo acadêmico Abel de Oliveira e do recipientario*. Rio de Janeiro: Academia Nacional de Medicina, Typ. America.

Penna, B. (1929). Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*, 10.

Rocha, H. H. P. (2003) *A higienização dos costumes: Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. São Paulo: Fapesp.

_____. (2011). Alfabetização e regeneração nas iniciativas de difusão da escola primária em São Paulo. *Rev. Pro-Posições*, 22 (2) 151-172.

Souza, V. S. (2006). *A política biológica como projeto: A “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. (Dissertação em Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006.

Stepan, N. L. (1985). Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial. *Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, 2(3), pp. 351-384.

Stepan, N. L. (2005). *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Notas

¹ O presente artigo é uma versão revisada e adaptada do texto integral apresentado, em 2017, no IX Congresso Brasileiro de História da Educação.